



JÚLIO CONRADO

O acontecimento do ano de 1972 que se apresenta como de maior relevância é, sem dúvida, a criação da Associação Portuguesa de Escritores. Os homens de letras deste país viram assim materializada uma aspiração maior da classe a que pertencem, obtido, a partir de agora, o reconhecimento legal do direito de se associarem. O IV centenário da publicação de "Os Lusíadas" fez de novo convergir as atenções gerais para

a obra de Camões. O ano de 1972 foi também, por motivos diversos, um ano de luto. Adolfo Casais Monteiro, perda irreparável para a literatura de língua portuguesa, morreu no Brasil. Em Veneza, o passamento do sinistro e genial Ezra Pound provocou a suspensão temporária das hostilidades entre a arte e a política. Em França, suicidou-se Montherlant. Desapareceu o jornal "Crítica", que cumpriu, enquanto existiu, uma apreciável missão. Os escritores portugueses continuaram esquecidos do júri do Nobel: o Prémio de 1972 distinguiu Heinrich Boll, conhecido pelas suas ligações com o chanceler Brandt.

Da produção dos nossos escritores há a realçar as tentativas dos mais conhecidos para justificarem as suas reputações. E, de facto, 1972 deu-nos bons livros de ficção. "Dinossauro Excelentíssimo", esforço bem-sucedido para desmontar um mito histórico, foi editado simultaneamente em Portugal e no Brasil. Com este livro, porém, José Cardoso Pires não alcançou a notoriedade artística que lhe trouxe um romance da qualidade de "O Delfim". Grande expectativa rodeou o aparecimento de "Reineiros", inédito de Alves Redol, e mesmo "Os Clandestinos", de Fernando Namora (Prémio SOPEM), contabilização dos

fracassos e das angústias do homem moderno. Os contos refundidos de "Terra Trazida", de Manuel Ferreira, trouxeram viva contribuição para o reatualizar da problemática cabo-verdiana, enquanto que Baptista-Bastos, com "Cidade Diária", uma vez mais demonstrou que não se degradaram os seus extraordinários dotes de apreensão das sugestões do real. "Estrada de Morrer" acrescentou a bibliografia de Urbano Tavares Rodrigues no ano em que completou 20 anos de actividade literária.

De requintado bom gosto e inexcelsível bom senso é o memorável "Diário" de J. Palma Ferreira, e não menos requintada a colecção de críticas (desprezíveis crónicas jornalísticas e altíssimos testemunhos científicos, tudo no mesmo saco) intitulada "A Palavra sobre a Palavra", de Eduardo Prado Coelho. E já que navegamos nas águas mornas do requinte, não será por certo descabido fazer uma singela referência ao livro de Eduarda Dionísio "Comente o Seguinte Texto" na convicção em que estamos de que, mal-grado diferenças aparentes, existem grandes afinidades entre estes três mui falados escritores.

António Modesto Navarro não pactua com bagatelas disfarçadas de altas cavalarias intelectuais. Aliando à modernidade da linguagem o sal da experiência juvenil, Modesto Navarro afirma-se com "História do Soldado que não Foi Condecorado", uma das certezas da literatura portuguesa actual. Romeu de Melo veio a lume com um livro interessante, imaginativo, de enredo bem conduzido — "A Buzina" — no qual a ironia tem função preponderante. Rentes de Carvalho fez estremecer a Holanda com a edição flamenga de "Com os Holandeses". Yvette Centeno transformou um livro — "As Palavras, que Pena" — mais em objecto de meditação do que em romance. Ela o disse. Álvaro Guerra, intérprete da odisseia da nossa juventude mais dramaticamente datada ficciona com grande talento essa crucial temática nas páginas de "Memória".

Saudando o regresso discreto mas desejado de Faure da Rosa, assinala-se, igualmente, o lançamento de uma bem documentada série de ensaios sobre literatura e linguística: "Do Livro à Leitura", de Palla e Carmo, "Problemática da História Literária", de Jacinto do Prado Coelho, "Júlio Diniz — Análise Bibliográfica", de Liberto Cruz, "Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa", de Luís Lindley Cintra.

Ficou notavelmente expressa a incomum voracidade de Luís Pacheco em "Literatura Comestível". David Mourão-Ferreira e Luís Francisco Rebelo são os novos... "imortais". Nemésio e Jarbas Passarinho trocaram as alegres flores da Comunidade...